

Marcílio descarta

Economia

impasse em Paris

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, admitiu ontem dificuldades nas negociações com o Clube de Paris, mas descartou a hipótese de rejeição da proposta brasileira. "Não há rejeição nem temos conhecimento de resistência específica de países", insistiu o ministro que ainda aposta em um acordo até o final desta semana. As negociações com o Clube de Paris, que reúne os credores oficiais do Brasil, envolve o reescalamento de uma dívida de 21 bilhões de dólares.

A proposta original apresentada, em Paris, pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, previa o reescalamento pelo prazo de 18 anos do total da dívida com os credores oficiais. Além disso, o governo solicitava que na renegociação fossem considerados os cerca de 8,6 bilhões de dólares referentes aos atrasados de juros e amortização devidos desde o governo José Sarney. Como resumiu o ministro da Economia, o Governo quer compatibilizar o reescalamento da dívida com a capacidade de pagamento do País. Para isso, necessita de um acordo que alivie o volume de desembolso previsto para este ano e 1993. Ou seja, somados os atrasados mais a dívida a vencer até o próximo ano, o Governo teria que dispor de 13,5 bilhões de dólares.

"Nós teríamos que fazer pagamentos mais pesados nesses próximos dois anos, exatamente no momento crítico, crucial do plano de estabilização", comentou o ministro, lembrando que a consolidação da economia só será alcançada "na virada de 1992 para 1993". O ponto principal da polêmica da primeira reunião foi,

portanto, de que forma o Governo poderá pagar estes 13,5 bilhões de dólares, admitiu o ministro Marcílio Marques Moreira. "Há hoje um calombo de dívidas que os parceiros aceitam reescalonar, mas em um prazo inferior aos 18 anos", completou.

Em rápida entrevista a emissoras de rádio e tevê, ontem pela manhã, o ministro da Economia afirmou que já esperava dificuldades e que a renegociação não seria automática como se imaginava. Ele descartou que existam países resistindo ao fechamento do acordo, como integrantes da equipe brasileira que se encontra em Paris chegaram a informar (seriam Japão e Alemanha).

A capacidade de pagamentos do Brasil ao exterior, uma proposta da ex-ministra Zélia Cardoso

de Mello, voltou a ser mencionada pelo ministro Marcílio como um limite para a renegociação, tanto com o Clube de Paris quanto nos acordos com banqueiros privados, em Nova Iorque. Para ele, a intenção é pegar os dólares que o Brasil pode remeter ao exterior e destinar 33 por cento ao Clube de Paris e os outros 66 por cento aos banqueiros privados. Assim que terminar o acerto com o Clube de Paris, o ministro da Economia embarcará para os Estados Unidos, onde pretende se reunir com dirigentes de bancos, para acelerar a negociação dos 42 bilhões de dólares devidos aos banqueiros privados. Os banqueiros só começam a negociar após o acordo com o Clube de Paris e com o FMI, este já negociado pelo Brasil.